

CULTO E VISITANTE

“Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajes de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso, e tratardes com deferência o que tem os trajes de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés, não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juizes tomados de perversos pensamentos?” (Tg 2.2-4).

INDISCRIMINAÇÃO. O texto revela que os líderes litúrgicos da Igreja Primitiva apresentavam à comunidade reunida(sinagoga) os visitantes. Tiago condena, não a apresentação em si, mas a discriminação, pois é pecaminoso discriminar as pessoas, privilegiando os poderosos e menosprezando os humildes. A Igreja é o corpo dos iguais, embora composto de diferentes membros.

IGREJA: Culto e Missão. A Igreja, do ponto de vista da ação, é, fundamentalmente, “adoração e missão”. Estas duas bases da dinâmica eclesial são inseparáveis: *O culto é, ao mesmo tempo, adoração e missão*, isto é, a comunidade servicial dirige-se a Deus(verticalidade) e, como serva missionária, fala do Salvador ao próximo(horizontalidade integrada). O culto, portanto, tem sempre dupla dimensão: Adoração e proclamação. O visitante, ao aceitar um convite e vir à Igreja, dispôs-se, voluntariamente, a “participar tacitamente” do culto, e não somente ouvir a Palavra de Deus. Eis porque ele precisa ser apresentado sem discriminação, mas de maneira afetuosa e respeitosa, não como um alienígena entre nós, mas como uma dádiva de Deus ao coração da Igreja, que o convida a adorar a Deus com ela. O visitante, a partir do momento de sua apresentação, toma consciência de que foi acolhido prazerosamente por nós e instado a somar sua presença à nossa na comunidade dos adoradores ao Deus supremo. A apresentação e o convite para adorar conosco é um ato missionário da Igreja e, portanto, deve constar do momento das “pastorais”. Apresentar o visitante é acolhê-lo e aceitá-lo em nosso meio como um parceiro de adoração e, ao mesmo tempo, alvo de evangelização e edificação. Apresentá-lo depois dos serviços litúrgicos é discriminatório e alienante; a Igreja não procederia assim com um “ministro visitante” ou com uma proeminente autoridade. Todos são iguais. Não se recebe formalmente visita no instante de sua despedida. A Igreja faz a recepção à porta do templo; o acolhimento no aconchego da comunidade; a despedida à saída: assim age a família da fé.

O CULTO VERTICAL. Culto vertical significa: “Culto teocêntrico”: Deus é o sujeito e o objeto do culto. É desse “culto vertical” que o “visitante é convidado a participar, no qual Deus é Senhor absoluto e o adorador é servo, disposto a reconhecer, diante da divindade, sua insignificância, oferecer-se a ele como escravo, submeter-se à sua Palavra e às suas ordenanças. No culto verdadeiro, prestado em espírito e em verdade, o crente reconhece que DEUS É TUDO e ele não é nada. Mas, mesmo em seu estado de miserabilidade, é aceito diante do Todo Poderoso Rei dos reis. Compete ao escravo satisfazer o seu Senhor. O Culto vertical visa, portanto, “**agradar**” a Deus, não ao adorador(Rm 12.1). Dele o crente sai interrogando-se: Deus se agradou de mim? Comportei-me realmente como seu servo na intenção, na participação, na confissão, na adoração e na comunhão? No culto vertical o homem submete-se a Deus e ao seu governo; no horizontal, o homem submete Deus ao seu comando e à sua vontade.

CULTO HORIZONTAL. O culto horizontal é antropocêntrico, voltado para o homem, suas carências, seus prazeres, suas realizações e seu bem-estar. O culto, quanto mais horizontal, mais “satisfaz” o suposto “adorador”. É comum ouvir-se: “*Hoje o culto me agradou; foi uma “maravilha”, “fui muito abençoado”, “sai alegre e feliz”*”. Esses tipos de avaliações e apreciações demonstram a indiscutível horizontalidade do culto: o homem é o centro, o alvo, o objetivo. Satisfação humana: eis o fim último do culto horizontal, no qual predominam: **a- O materialismo**: busca de bens materiais(teologia da

prosperidade). b- O **sensualismo**: ênfase no sentimento, no prazer, no sensório, no lúdico, no hedônico: músicas românticas e sensuais, coreografias, ritmos dançantes, danças, abraços, beijos, palmas, gritarias, trenzinhos). c- O **antropocentrismo**: destaque de individualidades, centralização em líderes carismáticos, “criadores de igrejas”, que a si mesmos se designam: profetas, pastores, bispos, missionários e até apóstolos. O culto vertical, reformado, é radicalmente diferente; nele não se “celebra” o divino, mas se cultua o Deus soberano, Criador de tudo, Senhor do universo e da história, Rei de seu povo.

VISITANTE NA ESCOLA DOMINICAL. Temos de distinguir, por questão óbvia, o objetivo do visitante no culto e na Escola Dominical. A apresentação na Escola Dominical pode ser mais descontraída, mantendo-se, porém, o tom respeitoso, a linguagem comedida e os termos indiscriminatórios: A igualdade de todos perante Deus gera o nivelamento social da comunidade eclesial igualitária.

PALAVRA FINAL. a- As visitas são o resultado da ação missionária dos membros e da própria Igreja, bem como a consequência de suas relações intereclesiais. Os visitantes cultuam conosco e , ao mesmo tempo, ouvem a mensagem da redenção, pois “Igreja é Culto e Missão” sem qualquer dicotomia. **b-** Há quatro tipos de visitantes: b.1- O **não-evangélico**. O nome de sua crença deve ser omitido. b.2- O **evangélico de outras denominações**. Sua denominação pode ser citada. b.3- O **presbiteriano** da região e de outras regiões do país. Sua apresentação será feita com demonstração clara de nossa fraternidade denominacional. b.4- A **autoridade**. Essa deve ser apresentada, citando-lhe o cargo e o título, mas sem endeusamento. É o tipo mais difícil de apresentação e, nesse caso, não pode, de maneira alguma, ser “apresentada” “depois” do culto, o que representaria desconsideração, desrespeito e falta de ética. **c-** O culto verdadeiramente vertical é total e obrigatoriamente teocêntrico. A Igreja, Corpo do Cristo encarnado, ocupa o vértice do ângulo em que um lado indica a encarnação, verticalidade; e o outro, a participação de Deus em nossa real humanidade: horizontalidade. No encontro do horizontal com o vertical acontece o culto em espírito e em verdade. O promotor da adoração vertical a Deus é o Cristo encarnado, Senhor do homem. O “realizador” do culto horizontal é o homem, suposto senhor de Deus.

Cumprimentos aos visitantes como complemento da apresentação são desnecessários e podem chegar à irreverência.